

JORNAL: Jornal do Brasil LOCAL: Quaraciará

DATA: 05/05/1971 AUTOR: Walmir Ayala

TÍTULO: A Burocratização da Arte

ASSUNTO: Ivam e Pedro C. de Araújo contra a  
efetivação de professores

quarta-feira, 5 de maio de 1971

JB - 5/5/71

## artes plásticas

WALMIR AYALA

### A BUROCRATIZAÇÃO DA ARTE

A idéia de transformar os professores do Museu de Arte Moderna em funcionários da entidade, defendida conforme divulgação na imprensa pelo crítico Frederico de Moraes, é das mais absurdas, só comparável à depredação que foi o *Domingo Terra-a Terra*, realizado no MAM num dos últimos domingos. A entidade, tão denodadamente erguida por Niomar Moniz Sodré, parece que está mesmo condenada à ruína, e parece que resolveram instalar lá dentro mesmo a barricada da demolição, que se transforma assim numa autodestruição.

O MAM está sendo nitidamente atingido por dois lados, na sua estrutura financeira e na sua integridade física. Não é segredo que o Museu de Arte Moderna está em crise, que as despesas superam o nível da receita, o que tem ocasionado sérios entraves na continuidade da obra e mesmo determinadas atitudes inconcebíveis, como aquela de utilizar a verba destinada e paga pela Federação das Indústrias para prêmios da Bienal de Desenho Industrial. Como intermediário, o MAM, no caso, não prestou contas aos premiados, e se recusa a qualquer explicação, fugindo ao encontro.

São atitudes desesperadas, que podemos entender sem poder justificar. Jogar o orçamento de honorários de professores, com todas as decorrências legais de uma efetivação, e que sempre oneram duplamente o empregador, seria perfeitamente aceitável e recomendável num momento de florescimento econômico do MAM, jamais na hora do caos.

A direção sabe disso, e está recusando a hipótese aventada pela maioria do corpo docente. A crise, tantas vezes propalada, e que diz respeito à contenção do entusiasmo estatal para com o MAM, é um resultado coerente da pueril e exagerada atitude de agressão contra a autoridade (como foi o incidente da Bienal de Paris), ainda mais que é do Govern-

no que o Museu depende para subsistir. Logo, a direção do MAM tem de escolher: ou ataca e não pede, ou pede e não ataca. Atacar e receber é uma pueril e neurótica pretensão, impossível em qualquer país, sob qualquer política ou regime.

Deixando de lado este detalhe, voltemos à análise do problema do Museu, professores e reforma. Falou-se até, no espantoso noticiário a respeito do assunto, que o acervo do Museu seria utilizado para vendas, tendo em vista o pagamento de professores. Quero crer que isso seja um mero boato, tão incrível é a idéia, uma vez que o acervo do MAM é inalienável, e pertence à comunidade, não estando na competência de qualquer diretoria espoliá-la sob qualquer pretexto.

Ainda mais que todos sabem que os cursos do MAM andam com altos e baixos, alguns com mais afluência e interesse, outros com quase nenhuma. Exemplificamos a segunda informação com o curso de Criatividade com Papel que contou com dois ou três inscritos e teve de apelar a convites a mais dois ou três para poder funcionar

com um número mínimo que justificasse a abertura de uma sala.

Eu pergunto: os professores de tais cursos merecem uma efetivação, uma garantia, transformar-se num peso dentro de um orçamento já tão pulverizado? Acho que não. Por mais que os professores de cursos de maior sucesso, com maior aplicação e trabalho dentro do esquema, defendam a tese da efetivação, para com justiça se ampararem melhor, quer-me parecer que a grande maioria dos cursos em funcionamento no MAM se desenvolve de forma precária.

O regime de cursos independentes, com rodízio inclusive dos próprios professores, ou com currículos programados anualmente mediante contrato, com abertura para cursos extensivos, é a solução. E que estes cursos se autofinanciem até que o MAM adquira a base sólida de que precisa para não continuar na corda bamba.

Opinião do pintor Ivã Serpa, um dos mais antigos professores do MAM: "A efetivação dos professores é a morte dos cursos, é a academi-

mização. Vamos permitir a burocracia, a luta entre professores por postos de comando, uma nova Escola de Belas-Artes. A estrutura atual dos cursos tem de ser modificada, se quisermos fazer algo de positivo pela causa. Os cursos são caros e têm poucos alunos. Por outro lado estas manifestações dominicais, apesar de populares, dão ao público uma falsa idéia da arte, pois se aquilo é arte, para que estudar disciplinas e matérias específicas?" Outro professor, também literalmente contra as novas idéias de efetivação, é Pedro Correia de Araújo: "Eu trabalharia de graça pelo MAM, neste momento difícil, e considero uma loucura almejar efetivação, o que é quase um golpe de misericórdia na situação atual. Precisamos preservar o que está construído, não dilapidar e depredar, como tem acontecido nestas manifestações dominicais. Acho que a Diretoria tem a obrigação de zelar inclusive pelo prédio, que é patrimônio público. Considero uma honra ensinar no Museu de Arte Moderna, e lutarei para que este Museu seja sempre um museu vivo."



Serpa:  
um  
professor  
contra  
a  
efetivação